

O CUIDADO EXISTENTE EM DOIS TRONCOS FAMILIARES DA COMUNIDADE QUILOMBOLA MANOEL DO REGO

NARA BEATRIZ MATIAS SOARES¹; MARILIS LEMOS DE ALMEIDA²;

¹Universidade Federal de Pelotas 1 – mnarabeatriz@yahoo.com 1

³Universidade Federal de Pelotas² – marilisalmeida@yahoo.com.br²

1. INTRODUÇÃO

Os quilombos são espaços de resistências onde não apenas se busca resgatar o que foi vivenciado no passado ou se preserva a ancestralidade. Nesses locais o cuidado é algo muito presente na vida das pessoas, ele ocorre na Comunidade Remanescentes de Quilombos Manoel do Rego que fica situada no interior de Canguçu, Rio Grande do Sul, na localidade de Solidez. É uma comunidade negra composta por 24 famílias dos troncos Matos, Souza, Nunes e Matias Soares que vivem em meio a famílias de descendência pomerana. Para esse trabalho, foram escolhidas 8 mulheres dos troncos familiares Matos e Matias Soares para identificar as práticas e redes de cuidado existentes neles em meio a moralidade de gênero nesses dois troncos familiares e os sentidos atribuídos ao cuidado por três gerações de mulheres. Além disso, se quer compreender de que forma os saberes e práticas de cuidado são repassados no interior dessas famílias.

O interesse nessa pesquisa se deu pelo fato, de eu fazer parte desta comunidade quilombola, de ter vivenciado o cuidado desde minha infância em um dos troncos analisados e dentro da congregação religiosa da qual faço parte. Também a escolha se deve, por constatar que o cuidado é uma temática importante a ser trazido para o meio acadêmico, pois ele não é visto como trabalho para até mesmo quem o exerce.

2. METODOLOGIA

Esse trabalho é uma abordagem qualitativa juntamente com a observação participante (SHAH, 2020) e entrevistas narrativas do tipo biográfico (QUEIROZ, 1987; MARRÉ, 1991; JOVCHELOVITCH e BAUER, 2019) reconstituindo as trajetórias de vida para desta forma identificarmos os desdobramentos do social quanto ao cuidado de oito mulheres de três gerações dos troncos familiares

Matos e Matias Soares. Elas têm idade de 26 a 83 anos, negras, agricultoras, estudante e/ou aposentadas. Foram coletados dados preliminares para se avaliar como o cuidado ocorre na vida delas e de suas famílias. Com algumas já foram feitas mais de uma entrevistas. Optou-se por utilizar pseudônimos para denominá-las sendo estes, nomes de escritoras brasileiras: Carolina Maria de Jesus, Lélia González, Beatriz Nascimento, Ruth Guimarães, Conceição Evaristo, Sueli Carneiro, Ana Maria Gonçalves e Djamila Ribeiro.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A comunidade quilombola Manoel do Rego foi a primeira a ser reconhecida e certificada no município, em 2007. É uma comunidade situada em um território atravessado por história de resistência negra, com forte vínculo religioso pois a maioria das famílias que compõe a comunidade, são da Igreja Evangélica Luterana do Brasil e congregam na Congregação Evangélica Luterana Redenção Manoel do Rego. Cocidentemente a comunidade quilombola tem o mesmo nome da congregação religiosa, isso se deve ao fato do reconhecimento de que a visibilidade da existência de que aqueles negros que residem na localidade se deu através do coral da igreja em suas apresentações artísticas em espaços religiosos e não religiosos aos quais, participava.

Essa congregação religiosa se tornou um espaço de resistência para os negros, é onde eles ouvem que as mulheres tem a obrigação de cuidar dos seus, da zelação da igreja, do próximo, etc. Essa educação religiosa, reina nos lares onde as mulheres são as responsáveis pelo preparo da alimentação, do cuidar dos filhos, da horta, das criações e auxiliar os homens da família no trabalho na lavoura especialmente na cultura do tabaco que é o carro chefe da maioria das propriedades.

O “cuidar da casa” (ou “tomar conta da casa”), assim como o “cuidar das crianças” (ou “tomar conta das crianças”) ou até mesmo o “cuidar do marido”, ou “dos pais”, têm sido tarefas exercidas por agentes subalternos e femininos, os quais (talvez por isso mesmo) no léxico brasileiro têm estado associados com a submissão, seja dos escravos (inicialmente), seja das mulheres, brancas ou negras (posteriormente). (GUIMARÃES; HIRATA; SUGITA, 2011, p. 154).

Nesta Comunidade o cuidado é ampliado e interligado envolvendo cuidado com pessoas, animais e plantas e sem dissociar do trabalho agrícola ou doméstico como relata Beatriz Nascimento: "eu cuido das minhas plantas, da minha mãe, dos meus irmãos quando precisam de mim, tô sempre apoiando para

o que for necessário de ajudar" e que se repete nas falas de várias outras mulheres(Beatriz, 42 anos, Família Matias Soares, 2ª geração).

Dentre as oito entrevistadas, duas delas vivenciaram a experiência de trabalhar fora, ampliaram seu rol de conhecimento e convivência mas, por problemas de saúde ou escolha, hoje estão em suas casas cuidando dos seus e desenvolvendo seu trabalho em casa. As entrevistadas tiveram sua infância marcada pela convivência com os avós maternos que foram suas principais redes de apoio até falecerem.

a minha maior rede de apoio na infância na verdade foi meu avós maternos de certa forma eles ajudaram a nos criar eu e meu irmão porque meu pai e a minha mãe estavam na maioria do tempo trabalhando, a gente plantava fumo e de vez em quando a gente ajudava na plantação de fumo mas fazia as coisas básicas como a escolha ali enfim, mas a minha rede de apoio claro que tinha pai e mãe também mas quem mais ficava com a gente era o vô e a vó (Djamila, 26 anos, Família Matos, 3ª geração).

Essa convivência as fez pensar que é uma obrigação cuidar da família, uma demonstração de amor, uma forma de ajudar algo que perpassa gerações através da oralidade e do exemplo.

4. CONCLUSÕES

Até o momento as conclusões obtidas são de que existe nesses dois troncos familiares o cuidado com a família um cuidado circular onde quem um dia cuidou, hoje é cuidada e segue cuidando porque o cuidado "[...] moro com a minha mãe e a minha irmã...olha eu aqui estou sendo cuidada pela minha mãe até agora(Beatriz, 42 anos, Família Matias Soares, 2ª geração). É algo ao qual elas foram educadas desde a infância em casa e na igreja como uma tarefa que elas deveriam desenvolver sendo, uma obrigação: "ué hoje eu tenho meus filhos pra me cuidar, que eu já tô mais velha (...) é bom cuidar os veinhos, (..) eles criaram a gente;" (Sueli, 74 anos, Família Matias Soares, 1ª geração)., uma forma de ajudar e demonstração de afeto como disse beatriz, com as criações, com as plantações, horta e com a igreja. O cuidado existente nesta comunidade é ampliado.

Não diferente de outros grupos e da realidade nacional, o cuidado é algo atribuído às mulheres, o que reforça a existência da divisão sexual do trabalho. O modo de cuidar nas comunidades quilombolas segue sendo no grupo familiar,

especialmente desenvolvido pelas mulheres. Há um cuidado com a saúde que está mudando *“Hoje como se diz Nara pouca coisa, o tempo mais antigo era um chazinho, uma afumantação tavam tudo cem por cento, não iam numa medicina num médico, hoje 99% a pessoa tem que puxa prum médico”* (Ruth, 46 anos, Família Matias Soares, 2ª geração), o tratamento biomédico está substituindo as plantas medicinais e transformando o modo de vida tradicional.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

JOVCHELOVICH, S.; BAUER, M.. **Entrevista narrativa**. In: BAUER, M.; GASKELL, G.. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 2011. pp. 90 – 113.

MARRE, Jacques Léon. **“História de vida e Método Biográfico”**. In: Cadernos de Sociologia, Porto Alegre, UFRGS, v.3, no.3 jan/jul.1991. p.89-141.

QUEIROZ DT, Vall J, Souza AMA, Vieira NFC. **OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE NA PESQUISA QUALITATIVA: CONCEITOS E APLICAÇÕES NA ÁREA DA SAÚDE** R Enferm UERJ, Rio de Janeiro, 2007 abr/jun; 15(2):276-83.

Shah, A., Álvares, L. P., Benassi, G., Olegário, A., & Lanna, M. (2020). **Etnografia? Observação participante, uma práxis potencialmente revolucionária**. *Revista De Antropologia Da UFSCar*, 12(1), 373–392.